

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIAS,
CONTABILIDADE E SECRETARIADO
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

CICLOS ECONÔMICOS: UMA SÍNTESE TEÓRICA

JAQUELINE CARVALHO DE ARAÚJO
MATRÍCULA: 9733450

CICLOS ECONÔMICOS: UMA SÍNTESE TEÓRICA

JAQUELINE CARVALHO DE ARAÚJO

ORIENTADOR(a): ANA MARIA FONTENELE

Monografia submetida à coordenação
do curso de Graduação em Economia
da Universidade Federal do Ceará,
como parte dos requisitos necessários
à obtenção do título De bacharel em
Ciências Econômicas

Fortaleza-CE

2002

Fortaleza (CE), Setembro de 2002

Esta monografia foi submetida como parte dos requisitos à obtenção da graduação em Ciências Econômicas, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

Média

JAQUELINE CARVALHO DE ARAÚJO

Nota

Prof(a). Ana Maria Fontenele
Orientadora

Nota

Prof. Agamenon Tavares de Almeida
Membro da Banca Examinadora

Nota

Prof. Alexandre Lira Cavalcante
Membro da Banca Examinadora

Monografia aprovada em 30 de Setembro de 2002

Ofereço à minha querida família

*A humildade e a simplicidade
são as chaves para um mundo
melhor de se viver.*

A autora

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	I
RESUMO.....	II
INTRODUÇÃO.....	1
Capítulo 1- Ciclos Econômicos: Panorama de alguns aspectos teóricos.....	3
1. Introdução.....	3
1.1. Ciclos Econômicos : Aspectos teóricos.....	5
1.2. Fases dos Ciclos Econômicos.....	6
1.2.1.Como ocorre o processo de expansão.....	6
1.2.2. A recessão e seus efeitos.....	7
1.2.3.A recuperação.....	9
1.3. Notas Finais.....	10
Capítulo 2- Abordagens Teóricas sobre os ciclos econômicos.....	12
2. Introdução	12
2.1. Abordagem Keynesiana.....	13
2.2. Ciclos de Estoques.....	14
2.3. O modelo do multiplicador- acelerador.....	17
2.4. Notas Finais.....	18
Capítulo 3 –Novas Teorias do Ciclo Econômico.	19
3. Introdução.....	19
3.1.Novas Teorias Clássicas (Lucas e Friedman).....	19
3.1.1.Ciclos Reais.....	19
3.1.2. Informações Imperfeitas.....	21
3.2.Novas Abordagens Keynesianas.....	22
3.2.1. Contratos de Trabalho.....	23
3.2.2. Influência dos Sindicatos na determinação dos salários.....	23

3.2.3. Contratos Implícitos.....	24
3.2.4. Salários de Eficiência.....	25
3.2.5. Custos de Cardápio.....	25
3.3. Notas Finais.....	26
Capítulo 4 – As Explicações Teóricas de Schumpeter e Konradieff.....	27
4. Introdução.....	27
4.1. Teorias do Ciclo segundo Kondratieff.....	28
4.2. Schumpeter e sua teoria sobre os ciclos.....	30
4.3. Notas Finais.....	34
Conclusão.....	35

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter me concedido vigor e perseverança nesta árdua caminhada em busca dos meus ideais.

Aos meus pais pela confiança e incentivo que me deram em todos os momentos que precisei, em especial pelos ensinamentos e lições responsáveis pela formação da minha integridade pessoal.

Às minhas irmãs e irmãos pela infinita compreensão, palavra amiga e apoio dado nas diversas etapas de minha existência.

À Professora Ana Maria por todo apoio e dedicação na realização deste trabalho, que sem seu importante empenho não teria sido concretizado

Aos professores Agamenon Almeida e Alexandre Cavalcante que aceitaram fazer parte da banca examinadora, pelo incentivo e sugestões dadas para a realização da monografia.

A todos meus amigos e amigas que de maneira direta ou indiretamente contribuíram para que mais este momento fosse possível.

UNIA

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar as flutuações que ocorrem na economia e as razões das variações observadas da atividade econômica, e para a execução deste estudo foram utilizados artigos e livros de especialistas que se dedicaram ao desenvolvimento de pesquisas neste campo.

A partir deste contexto, analisamos que os ciclos econômicos são desvios temporários de importantes indicadores econômicos (nível de atividade econômica, emprego, renda e etc.), da sua tendência, isto é, uma expansão ou contração que ocorre nas variáveis econômicas. O comportamento da economia em uma fase de contração, é caracterizado por um período de declínio da produção, renda, emprego e comércio, já na fase de expansão ocorre o inverso.

Estes ciclos são ocasionados por distúrbios aleatórios, geralmente denominados de impulsos, que afetam o sistema econômico e criam um padrão cíclico de reações na economia. Existem pelo menos três tipos de impulsos (ou choques) que provocam as flutuações econômicas: choques de oferta – afetam diretamente o lado da produção da economia; choques políticos – decorrem das decisões tomadas pelas autoridades macroeconômicas; choques de demanda privada - ocasionados pelas variações de investimento ou consumo do setor privado.

Percebemos que a compreensão dos ciclos é de suma importância e nos permite obter uma síntese do comportamento das atividades e variáveis econômicas, em períodos de recessão, contração e expansão .

INTRODUÇÃO

Notamos constantemente oscilações de importantes variáveis econômicas (produto, emprego, renda e etc.) as quais provocam mudanças significativas no processo de desenvolvimento das atividades econômicas.

Estas flutuações que ocorrem no cenário econômico são ocasionadas por diversos fatores como por exemplo, choque tecnológico, choque de demanda, alterações da política macroeconômica, e seu comportamento é representado por ciclos, que nos mostram claramente os desvios temporários de importantes variáveis de sua tendência.

Os ciclos são compostos por picos e fundos, e cada ciclo tem início num fundo, momento em que ocorre o período de recessão da economia, ou seja, é a fase na qual se tem uma queda da atividade econômica, logo após este período, a economia atinge um pico que é o ponto de expressiva expansão da atividade econômica em geral.

A análise dos ciclos, nos propicia avaliar o comportamento da economia em frente à diversos choques aleatórios, os quais são os principais responsáveis pela flutuação dos agregados econômicos. Partindo da compreensão desta dinâmica, podemos desenvolver um estudo do comportamento das variáveis e as diferentes conseqüências (reações cíclicas) refletidas na economia.

Variadas são as correntes que se dedicam ao estudo dos ciclos. Entre estes, temos os autores deterministas, os quais definem os ciclos econômicos como flutuações regulares que possuem características uniformes, na qual a natureza cíclica de qualquer reação tende a diminuir com o tempo e os ciclos econômicos se repetem devido aos impulsos que interferem no equilíbrio da economia.

Os Keynesianos explicam que os motivos para a ocorrência dos ciclos econômicos estão relacionados com as imperfeições do mercado, e estas ocasionam de alguma forma rigidez de preços e salários. Keynes destacou os gastos com investimento como principal motivo dos impulsos que provocam as flutuações econômicas.

Já os neoclássicos desenvolveram modelos que tinham como objetivo explicar tais alterações da economia (ciclo), onde os mesmos defendiam que os preços e salários seriam flexíveis e mesmo assim os choques levariam às mudanças cíclicas de produção e emprego. Eles diziam que os ciclos ocorriam devido os agentes terem

informações imperfeitas e, portanto, cometiam erros em suas decisões de oferta no momento em que certos choques atingissem a economia.

Uma segunda tentativa de elaborar um modelo clássico do ciclo econômico, parte do pressuposto de que a alteração tecnológica ocasiona as oscilações econômicas. Essa abordagem é conhecida como ciclos reais, na qual as flutuações cíclicas são provocadas por choques aleatórios na tecnologia (inovações), as duas hipóteses principais desta abordagem são que a alteração tecnológica é a fonte mais importante dos ciclos econômicos e que estes choques são propagados nos mercados perfeitamente competitivos.

Dentro deste contexto, o presente trabalho irá abordar as diversas explicações teóricas para os ciclos econômicos. O objetivo primordial é fornecer uma contribuição para interessados no assunto, e servir de fonte de informação para futuras pesquisas nesta área.

CAPITULO 1

Ciclos Econômicos : Panorama de alguns aspectos teóricos

1. Introdução

Se analisarmos algumas informações de dados estatísticos das atividades econômicas, e em especial se estas forem de forma gráfica, iremos perceber que o fluxo de seu desenvolvimento não é uma constante, e sim composta por várias oscilações.

Estas flutuações (oscilações) são transmitidas ao cenário econômico de variadas formas, podendo ser súbita, isolada, descontínua e também estender-se por longos períodos, como a expansão da produção, em outros casos em uma retração, e com isto, nos permitindo observar o comportamento das variáveis macroeconômicas durante um determinado período.

Um sistema econômico se compõe de uma variedade de informações que nos informam sobre a direção da atividade econômica. Quando falamos em um movimento cíclico do conjunto da economia, estamos falando de um processo caracterizado por uma expansão ou uma contração dos indicadores econômicos, sem determinarmos o início e o término de cada fase.

Na realidade apenas percebemos o término de uma depressão depois que começam atuar forças geradoras que induzam a uma expansão e apenas comprovamos que houve um período de auge quando começa uma contração e assim sucessivamente.

Os ciclos econômicos são um complexo fenômeno que representa as flutuações que ocorrem na atividade econômica e este ciclo gira em torno de uma tendência que pode ser definida como um movimento contínuo e prolongado de

qualquer atividade em uma direção conhecida durante um período de tempo que é longo em relação ao ciclo econômico.

Os impactos ocasionados pelos ciclos podem ser insignificantes e serem apenas reconhecidos pela análise de índices estatísticos, entretanto existem ciclos que causam grande impacto provocando dramáticos resultados e consequências sociais que afetam o emprego, os preços e a distribuição de renda entre as diferentes classes sociais.

Como percebemos, a atividade econômica de um país está sujeita a grande variedade de flutuações e estas refletem substancialmente no comportamento da economia gerando um ciclo de efeitos que afetam o bem estar econômico em geral.

1.1.Ciclos Econômicos : Aspectos Teóricos

Os ciclos econômicos são flutuações da atividade global caracterizadas pela expansão ou contração simultânea da produção na maioria dos setores .

A idéia de que a atividade econômica está sujeita a períodos alternativos de expansão e contração surgiu do estudo desses episódios econômicos dramáticos, conhecidos pelo nome de crises, entretanto estas isoladas fazem parte de um movimento cíclico e de um contínuo fluxo e refluxo na atividade da economia .

Segundo Mitchell (1917, p.21), todo ciclo econômico, a rigor é constituído de uma série única de acontecimentos e tem uma única explicação, porque é fruto de uma série de fatos anteriores, igualmente únicos.

O comportamento cíclico da atividade econômica pode ser medido através de diversas variáveis macroeconômicas, não somente através do produto nacional, mas também por meio da taxa de inflação, da taxa de desemprego e demais variáveis macroeconômicas.

Os ciclos, como disse Pigou , não são gêmeos mas da mesma família. Como a família, possuem características suscetíveis de descrição.

Como vimos, os ciclos econômicos desdobram-se em uma série de fases conhecidas pelos nomes de expansão, recessão, contração, e recuperação. Existem diversos tipos de teorias que explicam este fenômeno que ocorre na economia.

Segundo Samuelson (1915, p.36) geralmente são empregados os termos *exógena* e *endógena* para descrever as teorias dos ciclos econômicos. O primeiro se refere às teorias que encontram a origem do ciclo em algum dado externo, que varia de maneira quase periódica. No outro extremo está a teoria puramente endógena a do chamado ciclo autogerador. Entram nessa categoria várias teorias que dão ênfase aos fatores monetários, aos estoques, ao principio do multiplicador – acelerador e etc.

Existem diversas razões que podem explicar a existência dos ciclos econômicos, sendo estas tanto externas ou internas ao sistema econômico. Entre os motivos externos temos aquelas que descrevem o ciclo político (resultado de decisões políticas) que estimulam a economia provocando expansão principalmente no período de eleição, onde o governo aprova medidas populares que promovem uma melhoria

artificial no cenário econômico) e o ciclo tecnológico (ocasionados pelo uso de uma tecnologia avançada provocando súbito crescimento das variáveis econômicas).

São diversas as teorias que tentam explicar este fenômeno econômico (ciclo), entretanto é de suma importância traçar um quadro do que acontece de forma característica durante cada fase deste fenômeno.

Para isto vamos supor que o sistema econômico encontra-se a princípio em equilíbrio, de tal forma que os investidores não disponham de nenhum motivo para alterar o volume de suas atividades.

Este suposto equilíbrio está sujeito a perturbações a qualquer momento, e os fatores que podem produzi-las são inúmeros. Entretanto, alguns não têm efeito significativo, por exemplo há uma expansão na produção de um bem X e uma contração na do bem Y, o efeito líquido sobre a atividade total é nulo.

Por outro lado, existem fatores capazes de afetar amplamente o processo econômico e fazem com que os agentes (investidores) aumentem suas aplicações ocasionando um incremento nas atividades econômicas, colocando mais recursos para trabalhar, estes estimulantes em geral chamam-se de exógenos, que promovem uma série de reações na economia.

Desta maneira se torna imprescindível analisar o comportamento das reações econômicas através das fases do ciclo econômico.

1.2. Fases dos Ciclos Econômicos

1.2.1. Como ocorre o processo de expansão

A economia está exposta a vários choques que influenciam de forma significativa no seu desempenho. Quando este estímulo é positivo ou seja, permite que ocorra um aumento de lucro por parte dos agentes (empreendedores), isto faz com que estes sejam induzidos a investirem e conseqüentemente demandem mão-de-obra (elevando o nível de emprego) e insumos de outros setores.

Segundo Kaleki (1899) durante a expansão as entregas de novo equipamento(capital) já excedem as necessidades de reposição e, conseqüentemente este começa a expandir – se. O aumento de capital inicialmente restringe a taxa de crescimento das encomendas de investimentos e depois causa o declínio delas.

A demanda de insumo de outros setores impulsiona o emprego, aumentando também a procura de bens de consumo, o aumento de demanda de mercadorias satisfaz-se com um aumento rápido na oferta e a expansão é marcada por uma maior produção sem alta de preços.

Esse período de expansão começa com um pequeno estímulo, e a atividade cresce de forma cumulativa até levar todo o sistema econômico a um alto grau de produção.

As causas que geram a expansão, estimulam uma série de atividades produtivas ligadas com outras, produzindo um aumento de preços e de lucros no curto prazo, bem como uma elevação cumulativa de investimentos de capital(como uma moderna tecnologia) , com isto novos nichos de mercado serão explorados, ocasionando um ritmo acelerado de crescimento das atividades econômicas.

Infelizmente a fase de expansão não dura para sempre, há um período que o ritmo de atividade começa a diminuir lentamente e por meio de uma mudança gradual ou de uma transição abrupta, a fase de expansão termina e entra-se em um período de recessão.

1.2.2. A recessão e seus efeitos

Na fase de recessão os lucros diminuem devido ao aumento gradual dos custos em relação aos preços , desta maneira as forças geradoras da expansão vão se tornando inócuas, ocasionando um decréscimo do crescimento produtivo das atividades da economia em geral.

Os primeiros sinais de recessão e a causa do enfraquecimento de toda estrutura econômica são a baixa da produção de bens e serviços, e aumento do desemprego entre outras mazelas sociais.

Apesar da redução na produção em geral, segundo Mitchell (1917) a contração é marcada por uma baixa no nível de preços médios, onde a princípio a baixa pode ser causada pela liquidação de mercadorias acumuladas durante a expansão. À medida que a contração evolui parece que a causa decisiva é a redução do volume de dinheiro em circulação.

O recesso é um período no qual as forças que produzem a contração se sobrepõem às da expansão. Seus impactos são visíveis como por exemplo a tensão do sistema bancário, baixa de preços, a produção pode continuar por algum tempo enquanto certas mercadorias são finalizadas, entretanto há uma redução acentuada na demanda de produtos.

Segundo Kaleki (1899) durante a recessão as recomendações de investimento estão abaixo do nível das necessidades de reposição. O volume de equipamento de capital, porém, ainda está crescendo porque as entregas de novo equipamento são maiores do que esse nível.

Quando vem a crise, ou mais particularmente um pânico, este é acompanhado por um colapso da confiança de diversas instituições financeiras com relação a economia em questão, o que enfraquece consideravelmente a estrutura econômica.

A redução geral da atividade e as más perspectivas de todos os negócios transformam-se em uma baixa considerável do volume de depósitos bancários. Os empréstimos já conseguidos são pagos na medida do possível e não há novos que os substituam, o que reduz o total de crédito monetário disponível.

Nesta fase de recesso, há uma mudança relativa nos preços e nos custos e a margem de lucro tende a desaparecer e a ser substituída por perdas. Todo este cenário prejudica os investimentos e ocasiona um certo tipo de pessimismo, que contribui para o desequilíbrio econômico em geral.

Percebemos que os processos que ocasionam o declínio das atividades econômicas são cumulativos em seus efeitos. Quanto maior o número de desempregados menor será a demanda de bens de consumo o que se estende por outros setores da economia em geral.

Em suma, o recesso traz consigo conseqüências desastrosas para a economia que ficará fragilizada e necessitará ser impulsionada para o restabelecimento das relações normais de preços e as relações de preço-custo que a deflação tanto deforma.

1.2.3. A recuperação

Esta é uma fase ascendente do ciclo, a qual há um aumento na produção provocando efeitos multiplicadores sobre a atividade econômica gerando uma fase de crescimento e portanto de superação da crise.

Segundo Kalecki (1899), recuperação é a fase do ciclo durante a qual as encomendas de investimento excedem o nível das necessidades de reposição; o estoque de capital, porém, ainda não começou a se expandir porque as entregas de novo equipamento são menores do que as necessidades de reposição.

A expansão da atividade econômica deve ser atribuída aos processos que iniciam as condições favoráveis, como por exemplo a diminuição da taxa de juros. Os salários, sob a severa influência do desemprego, são mantidos a um nível significativamente baixo.

Com a redução direta no custo da mão-de-obra aparecem modificações favoráveis na eficiência. A eliminação do trabalho menos efetivo e talvez a maior decisão dos trabalhadores em manterem seus empregos, tende a aumentar a produção por homem, a medida que baixam os salários e se obtém reduções importantes sobre os custos da mão-de-obra.

Sob a influência de todas estas mudanças reduz-se a margem de perdas e pelo aumento da demanda e o fortalecimento dos preços, pode ser substituída por lucro. Ao passo que tudo isso ocorre qualquer estímulo dos negócios pode levar a uma onda decisiva de recuperação.

Os primeiros sinais desta mudança de fase é caracterizada por um período de recuperação da produção, do aquecimento da atividade econômica, e o baixo nível de juros favorável a um aumento de empréstimos.

A recuperação da economia está ligada a diversos elementos, não podendo ser definida em termos de apenas uma mudança para melhor, nem podendo separar do estado de depressão do qual emergiu (Mitchell-1915, p.47).

Quando ocorre a reativação econômica, os bancos expandem seus empréstimos estimulando os investimentos em capital ocasionando surtos de crescimento da atividade, gerando desta forma, um ressurgimento da prosperidade de vários setores.

Esse aumento no volume da demanda, por parte dos investidores, proporciona um aumento do nível de emprego, que segue uma expansão na demanda do consumo e da produção, esta reage impulsionando nova onda de investimentos.

1.3. Notas Finais

Através deste capítulo, tivemos uma noção de como a economia se comporta em um período de recessão, expansão e recuperação. Pudemos perceber a importância do estudo dos ciclos econômicos, e analisar a maneira pela qual a economia responde aos impactos (elevação da taxa de juros, diminuição do nível de renda e etc.) e desta maneira, ter uma visão global dos efeitos reproduzidos na economia.

Observamos, que por meio dos impactos ocasionados na economia, os agentes são influenciados a tomarem diferentes decisões em cada período do ciclo (recessão, expansão e etc.), estes visando principalmente maximizar a utilidade em cada situação.

Através do processo de desenvolvimento de cada etapa do ciclo, as expectativas são essenciais na tomada de decisões dos agentes (tanto empresa, governo e indivíduos), pois com esta podem ter uma previsão das variáveis econômicas de interesse global (produto, emprego, renda e etc.)

Com a análise do comportamento (desenvolvimento) dos setores econômicos temos a oportunidade de perceber o desempenho da economia e os efeitos ocasionados no cenário econômico em geral..

Desta maneira, especificamente, o exame dos ciclos econômicos nos revelam características de cada economia, tanto as flutuações na produção, como no nível de emprego e de outras variáveis macroeconômicas.

A busca de explicações para as flutuações econômicas foram objeto de estudo por diversos autores, os quais desenvolveram suas abordagens discorrendo sobre possíveis respostas a existência de ciclos na economia, este ponto será assunto do nosso próximo capítulo.

Algumas Abordagens Teóricas sobre os ciclos econômicos

Introdução

São diversas as teorias que procuram explicar a existência dos ciclos econômicos, estas buscam fazer uma análise da dinâmica dos movimentos das variáveis macroeconômicas e com isso, entender o comportamento da economia em geral.

O desenvolvimento dos estudos sobre este fenômeno econômico (ciclos) proporcionou significativas contribuições para a compreensão das oscilações econômicas e também procuraram responder as perguntas a respeito do processo da dinâmica do funcionamento do processo de recessão e expansão econômica.

O cenário econômico está exposto a diversas alterações de seus agregados econômicos e estas oscilações ocasionam significativos impactos que repercutem nos diversos setores econômicos.

Este capítulo foi desenvolvido com o propósito de discorrer com relação à algumas das abordagens sobre os ciclos econômicos e todos os aspectos impulsionadores da existência destas flutuações na atividade econômica em geral.

Iremos tratar em especial, a respeito da análise keynesiana e o modelo multiplicador- acelerador .

2.1. Abordagem keynesiana

Durante muito tempo, diversos autores procuraram oferecer uma explicação adicional e ou alternativa para as flutuações econômicas. Dentre eles, podemos destacar uma abordagem bastante discutida que é a keynesiana.

Keynes defendia a tese de que os gastos em investimento seriam um dos principais fatores que impulsionavam as oscilações econômicas. Basicamente Keynes percebeu que quando os agentes decidem investir, estes são estimulados pela expectativa futura, ou seja, eles esperam receber no futuro uma margem extra daquilo que foi aplicado.

Entretanto, Keynes constatou que as expectativas não seguem uma constância no seu desenvolvimento, em outras palavras as expectativas possuíam um comportamento instável.

“ O mais provável é que as nossas decisões de fazer algo positivo, com conseqüências futuras, só pode ser tomada com base num instinto animal – em um impulso urgente para a ação em vez da falta de ação, e não como o resultado de uma média ponderada das vantagens quantitativas multiplicadas pelas probabilidades quantitativas. O empreendimento só pode ser impulsionado pelas intenções, por mais inocentes e sinceras que sejam. Só algo como uma expedição ao pólo sul está baseado num cálculo exato dos futuros benefícios. Portanto, se o instinto animal for depreciado, se não houver um otimismo espontâneo, e se precisarmos depender somente das expectativas matemáticas, a empresa vai acabar enfraquecendo e vai morrer, apesar de o receio de sair perdendo ter sido uma base tão razoável quanto à esperança de ganhar.” (Keynes, 1973 p.161-162)

Ao considerar o investimento como uma variável de significativo grau de instabilidade, Keynes indicou este agregado macroeconômico como um dos principais fatores para o esclarecimento da existência do ciclo econômico.

Segundo Keynes (1973, p.170), a dinâmica do funcionamento do ciclo seria ocasionado pelas flutuações de investimento, que por sua vez era determinado pelas oscilações das expectativas dos indivíduos, que em seguida provocavam variações da demanda agregada e conseqüentemente na produção agregada.

2.2. Ciclos de Estoques

Como vimos anteriormente, para Keynes a ocorrência de um ciclo, ou seja o início das oscilações econômicas são um resultado de um crescimento autônomo do investimento. Entretanto, percebemos que apenas a variação do investimento não é suficiente para gerar o ciclo.

Com isto, através do multiplicador keynesiano podemos compreender a dinâmica pela qual a produção aumenta logo após um substancial incremento do investimento, contudo o processo do multiplicador é insuficiente para ocasionar as flutuações econômicas.

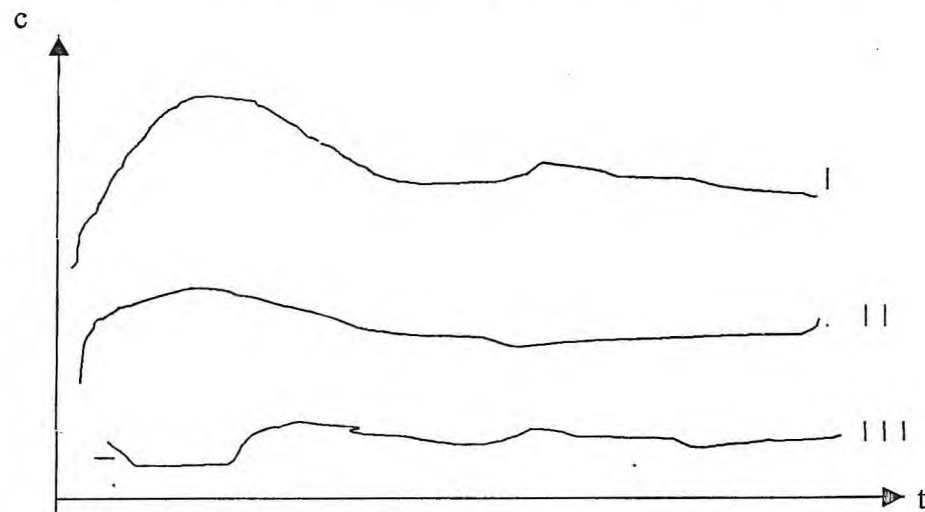
Dentre os estudos desenvolvidos, percebemos que existem outros mecanismos responsáveis pelas oscilações cíclicas depois da variação do investimento. Um desses estudos foi de Metzler, o qual constatou que a variação do investimento em estoques era um dos pontos necessários para explicar a relação entre a variação do investimento fixo e o ciclo de negócios.

Segundo Metzler (1941, p.112) as empresas como agentes maximizadores mantêm estoques, os quais formam uma parte de sua estratégia de produção e vendas. Um crescimento involuntário na demanda é solucionado com um aumento de mesma proporção na produção e conseqüentemente uma diminuição dos estoques. Por outro lado, uma redução na demanda é satisfeita com uma queda de produção e aumento de estoques. As firmas passarão a produzir mais, tanto para atender a maior demanda como para repor a queda dos estoques.

Dentro deste cenário econômico, as empresas iriam almejar manter um certo nível de estoques como proporção da produção, e estas vão ajustar a produção depois do choque inesperado, como resposta ao aumento ou redução não intencionada dos estoques. Em outras palavras, quando houver um processo de recessão, as empresas são forçadas a acumular estoques, em seguida irão reduzir a produção devido uma menor demanda e para compensar a acumulação de estoques.

Segundo Metzler (1941, p.113), o investimento em estoque ocasionariam ciclos, ou seja, conforme o investimento começa a cair a renda total também cai. Em seguida, tem início a fase na qual as vendas ficam continuamente menores que as esperadas e em que os estoques indesejados vão se acumulando repentinamente.

Gráfico2.1- Uma representação gráfica do ciclo puro de estoques



I- Produção ; II- Vendas ; III- Estoques

c: propensão marginal a consumir ; t: tempo

(De Lloyd Metzler, "The nature and Stability of Inventory Cycles", *Review of Economics and Statistics*,

agosto de 1941)

Neste gráfico temos a representação gráfica do ciclo de estoques, onde percebemos que a produção atinge um pico em seguida começa a cair, quando atinge um fundo há um novo impulso(variação de estoques) ocasionando infinitos ciclos.

Sachs & Larrain (1993, p.592) , por meio das idéias de Metzler propõem um exemplo numérico bastante interessante, estes investigam um certo aumento do investimento sem ser em estoques. Para fazê-lo partem de uma situação de equilíbrio conforme indicado na primeira linha da tab. 2.2, no qual atribuem valores iniciais às diversas variáveis (Período1). Como as empresas têm a quantidade de estoques que desejam (500), a produção para estoque é zero (coluna 2). A produção de bens para venda é 600 (coluna1) e o investimento autônomo é 400(coluna3). Logo, o valor total da produção é 1000 (coluna 4), um valor consistente com propensão marginal a consumir de 0,6.

Tab.2.2: Um aumento do investimento autônomo e as flutuações de negócios.

Período	Produção para venda	Produção para Estoques	Investimento Autônomo	Produção	Vendas	Estoques no final do período
1	600	0	400	1.000	600	500
2	600	0	500	1.100	660	440
3	660	60	500	1.220	732	428
4	732	72	500	1.304	782	450
5	782	50	500	1.332	799	483
6	799	17	500	1.316	790	509
7	790	-9	500	1.281	769	521
8	769	-21	500	1.248	749	520
9	749	-20	500	1.229	737	512
10	737	-12	500	1.225	735	502
11	735	-2	500	1.233	740	495
12	740	5	500	1.245	747	493
13	747	7	500	1.254	752	495
14	752	5	500	1.257	754	498
15	754	2	500	1.256	754	500
16	754	0	500	1.254	752	502
17	752	-2	500	1.250	750	502

Fonte: Lloyd Metzler, "The Nature and Stability of Inventory Cycles", Review of Economics and Statistics, agosto de 1941.

No período 2, esse equilíbrio é afetado, por exemplo, por um aumento inesperado no investimento sem ser em estoques de 400 para 500. Como resultado deste choque, a produção aumenta para 1.100 e as vendas são inesperadamente altas, 660 (0.6 de 1.100). Mas como a produção para vendas ainda é 600, baseada nas vendas do período anterior, os estoques caem inesperadamente em 60, e as empresas acabam ficando com menos estoques do que desejam. No próximo período (linha 3), a produção para vendas aumenta para 660 e a produção para estoques também aumenta

de 0 para 60, para compensar a queda imprevista nos estoques do segundo período. As vendas totais ainda são maiores que a produção e, portanto, os estoques continuam baixando. Somente no período 6 os estoques atingem o nível desejado e o ultrapassam ligeiramente. Esse ponto marca o início da desacumulação dos estoques. Conforme o investimento começa a cair a renda total também começa a cair. Por sua vez, isso inicia a fase em que as vendas ficam continuamente menores que as esperadas (o contrário do período inicial) e em que os estoques indesejados vão se acumulando repetidamente. Portanto, em cada período, a produção para estoques é negativa e a produção cai durante vários períodos (Sachs & Larrain, 1993, p.593)

2.3- O Modelo do Multiplicador – acelerador

A dinâmica dos estoques surge como uma das maneiras que explicam as oscilações econômicas, entretanto esta não é a única forma pela qual o investimento pode ocasionar ciclos.

Existem diversos estudiosos que utilizam a teoria de investimento do multiplicador – acelerador para explicar as flutuações cíclicas. Segundo este modelo o investimento não reage ao nível de produção, e sim à alteração da produção.

Samuelson combinou o princípio da aceleração com a análise do multiplicador para mostrar que a interação dos dois poderia gerar os movimentos cíclicos no nível de renda. Sua análise mostra como a interação, uma vez posta em movimento é capaz em si própria de gerar uma série infundável de sucessivas expansões e contrações no nível de renda.

Consideremos um modelo para uma economia fechada e sem governo, no qual a produção é determinada pela demanda agregada da seguinte forma:

Onde:

Q: produto

C: consumo

I: investimento

t : tempo

a: renda

b: variação da renda

Equação 1

$$Q = C + I$$

$$Q_{t-1} = Q_t - I_t$$

O consumo é função somente da renda, com uma defasagem de um período, logo $C_t = a \cdot Q_{t-1}$. O investimento é função da variação de renda, também com uma defasagem de um período, e um nível exógeno I_0 .

Equação 2

$$I_t = b \cdot (Q_{t-1} - Q_{t-2}) + I_0$$

$$Q_{t-2} = Q_t - I_t$$

Relacionando a equação 1 e 2 obteremos:

Equação 3

$$Q_t = (a+b) \cdot Q_{t-1} - b \cdot Q_{t-2} + I_0$$

Notamos que na equação 3 a produção é função dos níveis defasados dos dois períodos, desta maneira ao ocorrer o aumento do investimento, isto provocará um comportamento cíclico na economia

Segundo Hicks (1922) a principal causa das flutuações vai ser encontrada no efeito das variações de produção(ou renda) sobre o investimento.

2.4. Notas Finais.

Através do desenvolvimento deste capítulo tivemos a oportunidade de apreender o essencial da abordagem keynesiana, a qual tinha seu principal foco sobre os gastos em investimento como principal fonte dos impulsos que determinam as oscilações econômicas, em seguida discorreremos sobre os ciclos de estoques e o modelo do multiplicador –acelerador.

A seguir, no próximo capítulo, iremos partir para o estudo das novas teorias do ciclo econômico, que englobam os ciclos reais, informações imperfeitas (Friedman e Lucas), novas abordagens keynesianas (contratos de trabalho, influência dos sindicatos na determinação de salários, contratos implícitos, salários de eficiência, custos do cardápio)

Capítulo 3

Novas Teorias do Ciclo Econômico

Introdução

Neste segmento de teoria, as hipóteses utilizadas são a de que os salários e preços são flexíveis, e que os choques ocasionam oscilações cíclicas na produção e no emprego, a oferta agregada varia em resposta aos choques.

Em uma vertente (modelo) os agentes possuem informações imperfeitas a respeito da economia, e desta maneira cometem erros nas decisões de oferta quando alguns impactos atingem a economia.

Em outro modelo, a economia é atingida diretamente pelos choques tecnológicos, e com isto, os agentes modificam a oferta de trabalho como resposta aos distúrbios da oferta (Ciclos reais).

Este capítulo objetiva explicar estas teorias que buscam de certa maneira discorrer sobre seus pontos principais.

3.1. Novas teorias Clássicas (Friedman e Lucas)

3.1.1. Ciclos Reais

São diversas as teorias que apresentam uma maneira para explicar as oscilações do produto e do emprego, procurando responder como as políticas macroeconômicas reagem a estas flutuações.

O nível de produto pode flutuar por duas razões: seja devido as oscilações da sua taxa natural, seja devido ao desvio do produto em relação à sua taxa natural. A

taxa natural do produto cresce suavemente ao longo do tempo, e que as flutuações são desvios em relação a esta taxa natural.

Estudos mais recentes na teoria das flutuações econômicas estão baseados em hipótese clássicas, incluindo a flexibilidade de salários e preços, no curto prazo. De acordo com esta teoria as flutuações econômicas são uma resposta natural e eficiente às mudanças das condições econômicas.

A teoria dos ciclos reais tentam explicar as oscilações econômicas com base no referencial clássico. Nesta abordagem considera-se, em especial que os choques tecnológicos provocam os principais impactos a que estão submetidas as economias.

Os impactos tecnológicos se proliferam em mercados concorrenciais, no qual a economia encontra-se sempre no nível de pleno emprego, ou seja os preços são perfeitamente flexíveis garantindo o equilíbrio econômico.

Por meio do impacto tecnológico há um incremento da produtividade do trabalho, o que implica em um significativo aumento na demanda de mão-de-obra. Com relação à oferta de mão-de-obra, considera-se que exista a substituição intertemporal, ou seja, significa que os trabalhadores tem a opção em escolher o melhor momento para exercerem a oferta de trabalho. Em outras palavras, quando há um aumento do salário real este propiciará que os trabalhadores ofereçam mais força de trabalho hoje e menos no futuro.

Nesta concepção existe a possibilidade de os trabalhadores deslocarem trabalho no tempo, ocorrendo desta maneira um aumento significativo da quantidade ofertada sempre que o salário real estiver aumentando, e uma redução quando os salários reais estiverem diminuindo.

Em suma, uma insignificante modificação do salário real, provocada pela ampliação da demanda, induzirá a uma oferta de trabalho maior que permitirá o incremento da produção.

Quando se trabalhou com a hipótese do choque tecnológico, este ocasionará o aumento da produtividade marginal do capital, e, conseqüentemente, do investimento, ampliando o estoque de capital da economia. Devido a oscilações na dotação de fatores da economia, há o deslocamento da tendência em torno da qual passa a alterar o produto.

Percebemos que ao se inovar as empresas ampliam seus gastos para adaptarem-se à nova tecnologia, estimulando a geração de oscilações na economia.

Os autores que defendem esta teoria consideram a existência de choques tecnológicos negativos, que reduzem a produtividade dos fatores diminuindo o produto potencial.

Em suma, a teoria dos ciclos econômicos reais considera que a quantidade ofertada de mão-de-obra num dado instante, depende dos incentivos econômicos oferecidos ao trabalhador e com isto estes realizam uma análise de custo benefício para decidir quando trabalhar e quando auferir lazer.

Os ciclos reais pressupõem que a economia registra flutuações em sua capacidade de transformar insumos (capital e trabalho) em produtos (bens e serviços) e que variações na tecnologia provocam oscilações no produto e no emprego. Quando a tecnologia disponível melhora a economia produz mais.

Muitos dos modelos dos ciclos reais econômicos explicam as recessões como sendo período de retrocesso tecnológico. Segundo tais modelos, o produto e o emprego caem durante a recessão porque a tecnologia disponível se deteriora, reduzindo o produto e o incentivo ao trabalho.

Na teoria dos ciclos econômicos reais há uma suposição que a moeda é neutra, ou seja mecanismos relacionados a política monetária não atingem as variáveis reais, como o produto e o emprego.

Alguns críticos argumentam que a evidência não sustenta a hipótese da neutralidade da moeda. Ressaltam que as reduções na expansão monetária influenciam significativamente os agregados reais.

3.1.2. Informações Imperfeitas

Este modelo se baseia na existência dos ciclos devido, os agentes não possuírem informações perfeitas, esta vertente supõe que cada ofertante da economia produz um único bem e consomem muitos, como o número de bens é muito grande, os ofertantes não podem observar todos os preços o tempo todo. Monitoram de perto os preços daquilo que produzem, mas prestam menos atenção aos preços dos bens que consomem (Mankiw, 1997). Nesta corrente, ressaltamos a contribuição de dois autores um deles é Friedman e o outro é Robert Lucas.

Segundo Friedman (1968, p.45), os agentes econômicos são iludidos pela expansão monetária devido não possuírem informações completas. Desta maneira, os

produtores acham que o aumento do preço só se aplica ao seu produto e, portanto, chegam à conclusão que houve uma alteração dos preços relativos não do nível geral de preços. Os trabalhadores estão dispostos a oferecer mais trabalho pois julgam que o aumento do salário nominal é um aumento do salário real.

Já Lucas (1972, p.30) afirmou em sua teoria que o mercado é como uma ilha, e os agentes deste mercado são os habitantes, logo, sendo moradores de uma ilha os agentes teriam domínio das informações a seu respeito, entretanto por estarem isolados só saberiam o que está acontecendo em outros mercados depois de algum tempo. De acordo com Lucas quando, um agente econômico (empresa ou pessoa) age de acordo com as expectativas racionais, irá interpretar um certo aumento de preço em parte como um aumento geral e em parte como um aumento relativo.

3.2. Novas Abordagens Keynesianas

As hipóteses adotadas por Keynes tinham como um dos pilares a hipótese de que os salários e preços nominais tendem a permanecer constantes. Estas premissas podem explicar tanto porque um incremento da demanda agregada tem efeitos sobre a produção e o emprego reais quanto porque a desinflação em geral envolve uma queda temporária da produção e do emprego. Também pode ser responsável pela observação de que, durante os ciclos econômicos, os salários e preços tendem a se movimentar menos que a produção e o emprego.

Uma série de pesquisas recentes tem buscado fundamentar com explicações teóricas mais profundas sobre a rigidez dos salários e preços nominais. Diversas considerações estão sendo estudadas, incluindo os contratos de trabalho, a definição de salários pelos sindicatos, os contratos implícitos, os custos reais da variação dos preços nominais e salários de eficiência.

Segundo Froyen (1999, p.329) os economistas novo-keynesianos não tentaram desenvolver uma única base racional para todos os casos de rigidez de preços e salários. Em vez disso, eles acreditam que uma série de aspectos do processo de definição de preços e salários explica essa rigidez. Na verdade, a literatura novo-keynesiana tem os seguintes elementos em comum:

1. Nos modelos novo-keynesianos, pressupõe-se alguma forma de concorrência imperfeita para o mercado de produtos. Isso contrasta com os modelos keynesianos anteriores, que pressupunham concorrência perfeita.

2. Enquanto a principal rigidez nominal nos modelos keynesianos anteriores era a do salário monetário, os modelos novo- keynesianos também se voltam para a rigidez dos preços dos produtos.

3. Além dos fatores que causam a rigidez de variáveis nominais (por exemplo salário monetário), os modelos novo- keynesianos introduzem a rigidez real- fatores que provocam a rigidez real ou do preço relativo das firmas diante de mudanças na demanda agregada.

Partindo do pressuposto acima, iremos analisar alguns tipos de modelo novo -keynesiano a seguir.

3.2.1. Contratos de trabalho

A existência de contratos de trabalho de prazo longo faz com que os salários não convirjam rapidamente para equilibrar o mercado de trabalho. Esse ajustamento gradual torna a oferta agregada positivamente inclinada, provocando que flutuações da demanda tenham efeito sobre o produto.

Em outras palavras, significa que os salários não se movimentam rapidamente em direção ao equilíbrio de mercado.

No modelo keynesiano tradicional se tem como hipótese que os salários são rígidos e se ajustam gradualmente aos deslocamentos da demanda agregada. Esse ajustamento gradual é suficiente para provocar a forma ascendente da curva da oferta agregada, e para que as variações da demanda agregada ocasionem variação na produção e no emprego.

3.2.2. Influência dos sindicatos na determinação de salários

Nesta explanação teórica assume-se que os sindicatos negociam a favor de seus membros e não da classe trabalhadora em geral. Numa situação de queda da demanda e de desemprego, os trabalhadores podem estar interessados em menores salários em troca de mais emprego, entretanto os sindicatos na defesa de seus membros, podem resistir a estas oscilações (quedas).

Os contratos salariais geralmente são feitos de uma forma institucional, ou seja por intermédio de uma negociação coletiva entre sindicatos e patrões. Em geral os sindicatos negociam a favor de seus sindicalizados e não em prol da força de trabalho global, que por ventura podem estar interessados num salário menor que o sindical.

Neste cenário, influenciando na situação dos seus membros os sindicatos serão responsáveis pelo fato de que os desempregados não podem simplesmente obter salários menores, logo sua atuação é de suma importância na conquista de melhorias salariais.

3.2.3. Contratos implícitos

Neste segmento de raciocínio, os trabalhadores são avessos ao risco, ou seja, estes temem as amplas flutuações no nível de renda e para proteger o seu salário real, a empresa funcionaria como uma seguradora que cobriria os riscos que das flutuações do seu salário real.

A hipótese fundamental desta teoria é que as empresas são neutras ao risco, os trabalhadores são avessos ao risco, desta maneira a taxa salarial além de definir um padrão de compensação pelos serviços prestados, também funciona como uma forma de seguro contra o risco de variação de renda, em especial quando os trabalhadores não têm acesso ao mercado financeiro para diminuir os riscos.

Consideremos por exemplo, uma economia sujeita a choques de oferta, como a oscilação do preço de um determinado bem X. Em geral os salários reais de equilíbrio vão variar de acordo com o preço relativo do bem X em questão. Se houver aumento do preço deste bem conseqüentemente o salário real irá cair. Entretanto, se a empresa estiver atuando tanto como empregador quanto como agente de seguros, pode concordar implícita ou explicitamente em manter os salários constantes às variações do preço do bem X.

3.2.4. Salários de Eficiência.

Uma das principais hipóteses deste tópico está baseada na rigidez salarial decorrente do custo da empresa em avaliar o esforço e a produtividade dos trabalhadores isoladamente.

Acredita-se que pagando mais ao funcionário este se sentirá menos tentado a enganar a empresa, isto é, trabalhar com má vontade e em seguida trabalhar sem estímulo ocasionando uma significativa diminuição da qualidade do trabalho.

Percebe-se que a idéia central aqui desenvolvida está relacionada que quanto maior o salário, maior é o risco que trabalhador é submetido caso seja demitido.

Os salários reais não se ajustam para equilibrar os mercados de trabalho, na verdade, o princípio que norteia os modelos de salário de eficiência implica que as firmas definirão o salário real acima do nível de equilíbrio de mercado. O resultado disso será o desemprego involuntário persistente. (Froyen, 1999 p.334).

Esta teoria estabelece uma relação entre o nível de salário pago pela empresa e o nível de produtividade resultante. Com isto, salários mais altos propiciam um significativo aumento de produtividade.

Como há uma relação positiva entre produtividade e salários, as empresas têm um custo em diminuir os salários, pois reflete diretamente em uma redução de produtividade. A consequência é que a empresa pode manter o salário real rígido durante as crises como forma de manter a produtividade do trabalhador.

A rigidez salarial resultante deste processo pode elevar o ponto pelo qual as variações de emprego, e não as variações salariais arcam com o peso das crises econômicas.

3.2.5. Custos do Cardápio (Custo do Menu)

Neste ponto, as empresas que alteram os preços têm pequenos custos diretos. Os catálogos precisam ser alterados e reimpressos. Os economistas deram o nome de custo de cardápio a todas as envolvidas na revisão dos preços nominais.

Se os custos de ajuste de preços fossem grandes, os agentes analisariam antes de alterar os preços. Considera-se que as alterações nos preços nominais envolvem custos para as empresas, devido a relação produtor – cliente.

As considerações acima descritas sobre a rigidez dos preços e salários traz consigo importantes consequências, a principal delas é que oscilações da demanda afetarão principalmente o produto e o emprego.

Em contextos de queda de demanda, o ajuste se fará via desemprego e não por queda dos preços. Note-se, que grande parte da rigidez dos preços decorre de problemas de coordenação entre os agentes. Assim, pode-se concluir, que a existência de recessões decorre principalmente dos agentes não conseguirem coordenar suas ações em torno da queda dos preços.

3.3 Notas finais

Como percebemos, as novas teorias do ciclo econômico procuram uma nova forma de explicar as causas das oscilações, tendo como hipótese que os preços e salários são totalmente flexíveis e, mesmo assim, os choques levam a variações cíclicas de produção e emprego.

Na teoria do ciclo real de negócios, a economia é afetada por choques da oferta e as pessoas tomam decisões voluntárias de alteração da oferta de trabalho em resposta aos distúrbios, já as teorias neokeynesianas do ciclo tentam dar uma explicação mais rica à rigidez de preços e salários nominais do que a oferecida pelos modelos originais de Keynes.

Neste contexto, este capítulo foi desenvolvido com o propósito de englobar, de uma maneira geral, algumas teorias que tiveram um significativo destaque recente.

Capítulo 4

As Explicações Teóricas de Schumpeter e Konradieff: Um resumo

Introdução

Sabemos que vários foram os estudos desenvolvidos para explicar o fenômeno chamado de ciclo econômico, e para expor algumas delas, este capítulo foi desenvolvido, enfocando as teorias de Konradieff e J. Schumpeter.

Estes estudiosos acima citados, dedicaram grande parte de suas pesquisas a decifrar os motivos das oscilações das econômicas, e como estas se desenvolvem no cenário econômico propiciando um leque de resultados aos agentes econômicos.

Num primeiro momento iremos discorrer sobre a teoria de Schumpeter, explanando suas hipóteses e constatações observadas no decorrer do desenvolvimento de sua teoria. Em seguida vamos apresentar a teoria do ciclo segundo Konradieff procurando sempre analisar as suas contribuições para o processo de entendimento da existência de expansões e contrações das variáveis econômicas.

Neste contexto, as páginas seguintes foram desenvolvidas com propósito de discorrer sobre os principais aspectos envolvidos na teoria dos autores acima mencionados.

4.1. Teorias dos ciclos segundo Konradieff

Segundo Konradieff (1926, p.20) os longos ciclos no sistema capitalista resultam de sólidos investimentos ou de sua depreciação em infra-estrutura, como: ferrovias, portos, canais, indústrias, saneamento básico, eletrificação, construção civil, etc.

Em sua teoria Konradieff defende que a fase de expansão é caracterizada por superinvestimentos em bens de capital e, na fase de depressão, por um processo de depreciação.

Em 1926, Konradieff foi o primeiro a antever a idéia dos longos ciclos de 55 anos de duração. Sua intenção não era constituir ou colocar os fundamentos de uma teoria apropriada dos ciclos longos, mas somente de provar a sua existência a partir de evidências empíricas presentes e expressas na história mundial.

Com o propósito de desenvolver esta teoria dos ciclos longos, o referido autor catalogou informações e dados de quase todos os países, principalmente da França, Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha, procurando demonstrar empiricamente que os movimentos e leis que condicionam as longas ondas, são provenientes de: Modificações Técnicas, Guerras e Revoluções, Assimilação de Novos Países dentro da Economia Mundial e Flutuações na produção de ouro (Konradieff, 1944, 25).

Para fundamentar suas hipóteses, este procurou examinar o comportamento de variáveis econômicas e sua dinâmica, efetuando, ao longo dos anos, a análise do movimento médio das séries e indicadores de: preço de mercadorias, taxa de juros, investimentos de bancos, salários dos trabalhadores em atividades agrícolas e industriais, alterações populacionais, importação e exportação, depósitos e poupanças bancárias, total de comércio exterior entre outros.

Considerando impossível fixar exatamente os anos que assinalam o momento decisivo dos longos ciclos, Konradieff, recorrendo a um método estatístico para analisar esses dados, constatou que suas tentativas de periodização incorriam num de 5 a 7 anos na determinação dos anos de tais tendências (quadro 4.1), e concluiu que os limites destes ciclos podiam todavia ser representados como sendo aqueles mais prováveis.

QUADRO 4.1

Ciclos Longos de Kontradiieff

Ciclos Longos	Fases (1ª Expansão); B(2ª Declínio)
Primeiro	1ª A expansão durou do fim dos anos de 1780 ou começo dos anos de 1790 até 1810-1817
	2ª O declínio durou de 1810-17 até 1844-51;
Segundo	1ª A expansão durou de 1844-51 até 1870-1875
	2ª O declínio durou de 1870-75 até 1890-96;
Terceiro	1ª A expansão durou de 1890-96 até 1914-20
	2ª O declínio provável começa nos anos de 1914-20

Fonte: Kondratieff (1944: 32) In *The Long Waves in Economic Life*

Ao examinar a natureza dos longos ciclos, do ponto de vista das modificações nas técnicas de produção, Kondratieff observou que as regularidades do processo ajudam a estabelecer algumas regras empíricas para o movimento das longas ondas. E dentro desta perspectiva, em um curto mais importante trecho, Kontradiieff revelou o papel das modificações nas técnicas nos ciclos longos.

“Modificações nas técnicas têm sem dúvida um papel muito influente sobre o curso do desenvolvimento do capitalismo. Mas ninguém provou que elas têm uma origem acidental e externa. Modificações nas técnicas de produção presume que relevantes descobertas e invenções científicas foram feitas, e que é economicamente viável usá-las. Seria um erro óbvio negar o elemento criativo das descobertas e invenções científico-técnicas. Mas de um ponto de vista objetivo, ocorreria ainda um grande erro se alguém acreditasse que a direção e a intensidade destas descobertas e invenções fossem meramente acidentais; é muito mais provável que a direção e a intensidade sejam uma função das necessidades da vida real e do desenvolvimento precedente da ciência e da técnica.” (Kontradiieff, 1944:35).

Para Kontradieff, as modificações técnicas representam o mecanismo desencadeador do desenvolvimento tecnológico, capaz de criar novas oportunidades econômicas e deste modo, gerar a expansão econômica dos setores produtivos com mercados saturados ou em recessão

4.2. Schumpeter e sua teoria sobre os ciclos econômicos.

Para J. Schumpeter a chave para as explicações do ciclo estava relacionada com os efeitos repentinos da atividade de investimento em inovação, pela qual passa a economia capitalista. Em outras palavras os ciclos resultavam da combinação de inovações, que em seguida provocavam o surgimento de um paradigma, o qual impulsionava o rápido crescimento da economia.

“ O Capitalismo, então, é pela própria natureza, uma forma ou método de mudança econômica, e nunca pode estar estacionário. E tal caráter evolutivo do processo capitalista não se deve meramente ao fato de a vida econômica acontecer num ambiente social que muda e, por sua mudança, altera os dados da ação econômica; isso é importante e tais mudanças (guerra, revoluções e assim por diante) freqüentemente condicionam a mudança industrial, mas não são seus motores principais. Tampouco se deve esse caráter evolutivo a um aumento quase automático da população e do capital ou os caprichos dos sistemas monetários, para os quais são verdadeiras exatamente as mesmas coisas.”(SCHUMPETER, 1984, p.45).

Para Schumpeter, o inovador será aquele que assume os riscos envolvidos na criação de algum bem ainda não usufruído pelo mercado, conseqüentemente é o primeiro que irá aplicar a invenção. Neste estudo este autor faz uma clara diferenciação entre inovadores e o que poderia ser chamados de imitadores. Os primeiros seriam denominados como empreendedores, estes quando obtêm sucesso na aplicação de alguma inovação recebem como recompensa na forma de lucros extraordinários. Entretanto esses lucros irão atrair imitadores, o que ocasiona um declínio do lucro extra dos empreendedores.

Percebemos que quando as tecnologias são introduzidas no mercado, se tornam praticamente incorporadas ao sistema de produção, ou se difunde por quase todos os setores, o que ocasiona uma diminuição do retorno dos investimentos e com

isto, a economia caminha para um processo de acomodação, que é seguido por uma depressão, nesta última fase são encorajados os investimentos em pesquisa e desenvolvimento, fazendo surgir uma nova era de inovações.

A inovação, segundo o autor em estudo, é um conjunto de novas funções evolutivas que alteram os métodos de produção, criando novas formas de organização do trabalho e, ao produzir novas mercadorias, possibilita a abertura de novos mercados através da criação de novos usos e consumos.

O processo de expansão chega ao fim na economia, quando o processo de se introduzir inovações no sistema atinge um ponto em que tem um fim temporário. A prosperidade em um determinado setor é o fruto dos gastos em investimentos associados à inovação.

Quando todas as inovações que os empreendedores julgam ser necessárias a serem implementadas acabam, o processo expansionista chega a um fim, pois os gastos de investimento gerado pelas inovações também cessaram.

Como percebemos, o processo de inovação é a essência das expansões econômicas, e a essência das depressões da atividade econômica é o processo de ajustamento à perturbação das estruturas do mercado.

As depressões são um processo penoso, no qual se verifica a falências de empresas que não obtiveram sucesso no ajustamento às variações de inovações que ocorreram em suas indústrias e também de empresas que se ajustaram, mas que concluíram que suas indústrias, sob o estímulo da inovação, haviam expandido sua capacidade muito além da demanda do mercado. O processo de depressão também inclui uma deflação geral do crédito e uma baixa nos preços

Em seguida ao processo de recessão, ocorre um período de reajustamento às circunstâncias econômicas, ou seja as forças naturais de recuperação eventualmente começam a tomar conta da situação, e, em um dado momento, os empreendedores mais corajosos novamente começam a inovar. Outros acompanham – os, surgem os gastos gerais de investimento e um novo processo expansivo começa a ser gerado.

“ A abertura de novos mercados – estrangeiros ou domésticos - e o desenvolvimento organizacional, da oficina artesanal aos conglomerados... , ilustram o mesmo processo de mutação industrial... que incessantemente revoluciona a estrutura econômica a partir de dentro, incessantemente destruindo a velha, incessantemente criando a nova. Esse processo de Destruição Criativa é o fato

essencial do capitalismo. É nisso que consiste o capitalismo e é aí que têm de viver todas as empresas capitalistas.” (SCHUMPETER, 1984 : 112-113).

Segundo Rattner (1985) numa versão adaptada dos ciclos de negócios de Schumpeter, os ciclos podem ser retratados da seguinte maneira:

QUADRO 4.2:

Ciclos Longos Adaptados de Schumpeter

FASES	DECOLAGEM	EXPANSÃO	RECESSÃO	DEPRESSÃO
CICLOS	A	B	C	D
1º	1770-1785	1786-1800	1801-1813	1814-1827
2º	1828-1842	1843-1857	1858-1869	1870-1885
3º	1886-1897	1898-1911	1912-1925	1926-1937
4º	1938-1952	1953-1973	1974-1985	1986....

FONTE: Rattner, 1984

Cada onda longa de expansão, seria comandada por um novo paradigma técnico econômico, que estaria associada ao um conjunto tecnológico particular a ser utilizado na construção de inovações , que iriam provocar oscilações no cenário econômico.

O quadro abaixo (4.3) apresenta a perspectiva teórica oferecida por Schumpeter e seus seguidores para a reconstituição dos longos ciclos e suas tecnologias fundamentais.

QUADRO 4.3

Longos Ciclos e Tecnologias Fundamentais

Longos ciclos da Economia Mundial	Tecnologias Fundamentais e Setores Líderes Industriais	Inovações (Quant.)
1970-1847 (1º Longo Ciclo)	Máquina a Vapor, Tear, Madeira e Ferro	15
1848-1893 (2º Longo Ciclo)	Carvão, Fundição, Estradas de Ferro, Materiais de Construção	46
1894-1945 (3º Longo Ciclo)	Aço, Eletrônica, Motor à Combustão Interna, Mecânica, Química Mineral e Produção de Gás	72
1946-1973 (4º Longo Ciclo)	Petroquímica, Pequeno Motor Elétrico, Radiofonia, Televisão, Computador Eletrônico	84
Fase A	Energia Nuclear, Satélites, Aviação Comercial, Transistor, Semicondutores	27
1974-1993 (4º Longo Ciclo)	Microeletrônica e o Chip, Telecomunicações, Robótica, Química Fina, Biotecnologia	60*
Fase B	Fibras óticas, Novos Materiais, etc.	45

Baseado em : STOFFAES (1990 :337 E3362) ; GOLDSTEIN (1988:94)

(*) Obs: Números Aproximados de Inovações

Em 1936, Schumpeter além de refinar e aprofundar a teoria de Konradieef ele analisou a depressão de 1930, baseando-se nas depressões ocorridas em 1825 e 1873, ele formulou uma teoria sobre os ciclos, lapidando-a a partir dos conceitos de: inovação, revoluções técnicas, setor líder da economia, destruição criativa etc.

4.3. Notas Finais

Através deste capítulo pudemos perceber que variadas são as vertentes que tentam explicitar os movimentos cíclicos da economia, no qual, cada autor tenta através das suas hipóteses formular uma maneira de encontrar respostas as oscilações das variáveis macroeconômicas.

Neste contexto, é suma importância que sejam analisadas as diversas explicações, para que possamos ter uma visão geral de como a economia responde aos impulsos e isto é repassado para os agentes.

CONCLUSÃO

Na elaboração deste trabalho podemos concluir que os mercados juntamente com suas variáveis econômicas estão intimamente ligados, e que quando os agentes conseguem identificar mudanças no cenário econômico, tem mais chances de prever o futuro e conseqüentemente se proteger de alguns impactos.

Quando a economia começa a expandir-se, os agentes investem e em setores que dão sinais de recuperação e à medida que a expansão segue, há uma tendência de fluxo de recursos para o mercado. Em seguida quando não há mais espaço para alta (processo expansionista) se verifica uma consistente baixa dos recursos para novos investimentos e o ciclo econômico tende a se retrair.

Percebemos quando a economia encontra-se ao final de uma contração ou recessão a capacidade instalada fica ociosa e situação será revertida apenas quando houver algum impulso que propicie o incremento da produção e a diminuição da capacidade ociosa. Nesse ponto novos investimentos são planejados exigindo um maior número de horas trabalhadas e conseqüentemente incremento no nível de emprego.

À medida que o emprego e o nível de salários aumentam, cresce o consumo. Com isso, crescem as vendas e os lucros e são modernizadas e expandidas as instalações produtivas, o aumento dos investimentos cria novos empregos e maior consumo.

Os trabalhadores, máquinas, instalações e materiais, eventualmente, são utilizados a pleno emprego. Isso faz com que ocorra uma certa pressão no aumento dos preços.

Como fonte de capital as empresas utilizam-se, cada vez mais de financiamentos e empréstimos para sua expansão de capacidade produtiva. As taxas de juros tendem a aumentar nesse momento. Em seguida, os custos tendem a aumentar mais rápido que os preços, pressionando as margens de lucros.

As empresas verificam que a capacidade instalada é maior que seu potencial aumento de vendas. Então, começa a reduzir os investimentos em novas fábricas e equipamentos. Iniciam-se as demissões nas empresas, principalmente nas produtoras de bens de capital. Toda a economia passa a sentir o refreamento dos negócios.

No decorrer deste trabalho, percebemos, a tentativa das teorias explicarem as oscilações econômicas, destacamos a bordagem keynesiana, que propôs uma explicação baseada em imperfeições no mercado que provocavam rigidez de preços e

salários. Depois de Keynes , seus seguidores focalizaram inicialmente variações autônomas do investimento como principal fonte dos impulsos que provocam variações econômicas. Entretanto, percebemos que um aumento do investimento não é suficiente para gerar ciclos, deve ser introduzido outro mecanismo adicional de propagação como razão para as variações cíclicas, e um deles é a variação do investimento em estoques , outro é acelerador – multiplicador , baseado na teoria da aceleração do investimento.

Como se observa, os movimentos econômicos são influenciados por diversos fatores que mutuamente interagem entre si. O que os economistas têm tentado fazer é estudar a extensão dos períodos de crescimento e das retrações, que por sua vez tornam-se recessões e até mesmo depressões.

BIBLIOGRAFIA

CONTADOR, R. CLÁUDIO, Ciclos Econômicos e Indicadores de Atividade no Brasil, IPEA/INPES. Relatório de Pesquisa, 1977.

DORBUSCH, R & FISCHER, S. Macroeconomia. São Paulo: Makron Books, 1995.

ESTEY, JAMES ARTUR. Ciclos Econômicos: sua natureza, causa e controle / Tradução do PROF. Lycurgo Gomes da Mota / São Paulo, Ed. Mestre Jou, 1965.

FRIEDMAN, M. Cycle theory. Cambridge: MIT Press, 1968

FROYEN, RICHARD T., Macroeconomia, Trad. de Esther E. H. Herskovitz, Cecília C. Bartalotti; revisão técnica de Roland Veras Saldanha Jr. – São Paulo: Saraiva, 1999.

KALECKI, MICHAEL. Crescimento e Ciclo das Economias Capitalista. Trad. Jorge Miglioli. São Paulo, hucitec, 1977, Coleção economia e planejamento, Série Teoria Econômica.

KALEKI, MICHAEL, M. Teoria da dinâmica econômica. São Paulo: T.A. Queiroz, 1899.

KEYNES, J.M. A teoria geral do emprego, juro e da moeda. São Paulo: Editora Abril, 1982. (Coleção Os Economistas).

KONTRADIEFF, J., In the long waves in economic life. New York: Macmiliam, 1944

LLOYD METZLER., The nature and stability of inventory cycles, Review of economic and statistics, agosto de 1941.

LOPES, L.M.E. VASCONCELOS, MARCO ANTÔNIO s. (ORGS), Manual de Macroeconomia Básico e Intermediário, São Paulo: Atlas, 1998.

LUCAS JR., Robert E. *Estudeis in business cycle theory*. Cambridge: MIT Press, 1972.

MANKINW, N.G. *Macroeconomia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S/A, 1999.

MATTHEUS, R.C.O. *O ciclo econômico*. Trad. de Affonso Blacheryre. Rio de Janeiro. Zahar, 1964.

MITCHELL, WESLEY CLAIR, 18874-1948. *Os Ciclos econômicos e suas causas*. Tradução de Ida Rosental. 2ª ed.- São Paulo : Nova Cultural, 1987. *Os economistas*.

SACHS, J.D., LARRAIN B. F. *Macroeconomia*. São Paulo: Makron, 1995

SAMUELSON, J., A . *A dinâmica macroeconômica*. São Paulo: Editora Abril, 1980. (Coleção Os Economistas)

SIMONSEN, M.H. & CISNE, *Macroeconomia*, São Paulo: Atlas, 1995.

SOUZA, NALI DE JESUS, *Desenvolvimento Econômico*, São Paulo: Atlas, 1995.

SHUMPETER, JOSEPH ALOIS, *Teoria do desenvolvimento econômico*. 3ª ed. São Paulo. Nova Cultural, 1988. *Os Economistas*.